



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

SUBJETIVIDADES LÉSBICAS EM DISSIDÊNCIA: DA RECUSA DA HETEROSSEXUALIDADE COMO REGIME POLÍTICO ÀS CRÍTICAS DO SEPARATISMO LÉSBICO

Ingrid Mirella Silva Bastos¹; Diego Arthur Lima Pinheiro²

1. Bolsista PROBIC, Graduando em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

ingridbastos41@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

dalpinheiro@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: psicologia; lésbica; subjetividade.

INTRODUÇÃO

Seguindo as análises de Michel Foucault, Monique Wittig e Judith Butler, denomina-se uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo como sexopolítica. É com ela que o sexo – isto é, os chamados órgãos sexuais, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades ditas normais e desviantes – entra nos cálculos do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades um agente de controle da vida. Na medida em que a sexopolítica pode ser entendida em parte como uma forma de regulação dos processos biológicos que dizem respeito à reprodução da vida e aos fenômenos de população, que o corpo heterossexual se constrói a partir de uma divisão do trabalho da carne, segundo a qual cada órgão é definido por sua função. Nesse caso, interessa pensar particularmente como subjetividades lésbicas podem operar um trabalho de desterritorialização da heterossexualidade. É da experiência política das sapatas que não são mulheres, das bichas que não são homens, das trans que não são homens nem mulheres – experiências para quais os textos de Monique Wittig apresentam uma análise possível –, que as identificações negativas como sapatas e bichas são transformadas em possíveis lugares de produção de subjetividades dissidentes, atentas às injunções normalizadoras do Império Sexual.

METODOLOGIA

Esta pesquisa será desenvolvida a partir do método de revisão bibliográfica, considerando a pertinência dessa metodologia em virtude da ampla cobertura que ela possibilita acerca do tema estudado. Para tal, seguiremos as seguintes etapas: levantamento de bibliografia pertinente; leitura e fichamento do material relacionado ao tema da pesquisa; análise e organização lógica do assunto a fim de propiciar a redação do relatório final (GIL, 2002; 2008). Nessa pesquisa serão utilizados os aportes teórico-metodológicos advindos da Teoria Queer, com especial destaque para as obras de Monique Wittig, Paul Preciado. Além das obras “Não se nasce mulher” e “O pensamento hetero”, de Monique Wittig, demais produções acadêmicas sob a forma de artigos também constituirão material de pesquisa. Esse levantamento será feito nas seguintes plataformas científicas: *SciELO* (*Scientific Electronic Library Online*), *Pepsico* (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e *Lilacs* (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Após a leitura exploratória, ocorrerá uma leitura seletiva do material encontrado, momento em que serão organizadas fichas de leitura a serem utilizadas para registro dos dados que irão compor os resultados encontrados e para subsidiar a análise que aqui ensejamos realizar. Por fim, os resultados serão sistematizados e apresentados em um artigo e no relatório final de pesquisa.

DISCUSSÃO

Monique Wittig ousou descrever a heterossexualidade não como uma prática sexual, e sim como um regime político que faz parte da administração dos corpos e da gestão calculada da vida no âmbito da biopolítica, cuja tecnologia é destinada a produzir os corpos tidos como “straight”. Dessa maneira, urge a necessidade desses corpos minoritários armarem-se de tecnologias de intervenção. A desidentificação é um processo em que as identificações negativas, como “sapatas”, são transformadas em possíveis lugares de produção de identidades resistentes à normalização, logo é possível teorizar sobre a força política dos movimentos como proveniente da capacidade de investir nas posições de sujeitos abjetos, de forma a transformar em lugares de resistência do ponto de vista universal. Quanto aos desvios das tecnologias do corpo, propõe-se haver uma reviravolta epistemológica, fundamentada na reapropriação dos discursos de produção de poder, e saber, sobre o sexo, uma vez que a política da multidão queer não repousa sobre uma identidade natural, muito menos sobre uma definição pelas práticas, mas sobre uma multiplicidade de corpos que existem e resistem contra os regimes que os constroem como normais ou anormais. Enfim, a desontologização do sujeito da política sexual emerge de

uma criticidade a respeito dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária. É desprender-se de classicidades. De acordo com o materialismo feminista de Wittig, o cerne da opressão sistêmica está na exploração econômica: a partir do momento que a atribuição do trabalho de reprodução da “espécie” às mulheres beneficia os homens, os mesmos apropriam-se desse trabalho, dos filhos, do tempo liberado por elas e dos corpos dessas trabalhadoras. A condição das mulheres, enquanto classe, assemelha-se muito mais à condição de servidão ou de escravidão do que de proletariado, no sentido de que o ser, em sua totalidade, é propriedade dos dominantes, não apenas seu trabalho. Durante o artigo “Não se nasce mulher”, de 1981, Wittig propõe a destruição dos homens enquanto classe social, implicando no desaparecimento da Mulher enquanto outra classe social. Destruir a “Mulher”, com maiúscula, é dar vazão “às mulheres”. A partir desse texto há uma famosa reflexão de Wittig: já que o que constitui a mulher é sua relação de servidão a um homem, as lésbicas, por sua vez, não são mulheres. Privilegiadas na categorização do sexo, porém ainda dentro da dominância do pensamento heterossexual. Se as lésbicas não são mulheres por recusarem a posição de submissão à figura masculina, Monique Wittig teoriza que a única saída para o sistema de opressão heterossexista seria o separatismo lésbico. No entanto, de acordo com a autora Elsa Dorlin, existem algumas problemáticas a se destacar nessa teoria. Primeiramente, não é possível afirmar que apenas a heterossexualidade impede o sujeito de chegar ao seu ideal; e, em segundo lugar, as opressões se retroalimentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aproximando as obras de autores como Monique Wittig e Paul Preciado, foi possível iniciar o traçar de um panorama rico e multifacetado das questões de gênero, sexualidade e identidade, mais especificamente da subjetividade sapatão, cercada por apostos como “antinatural”, em ambientes normativos, e “fantasmático”, em sua própria comunidade. A abordagem de Wittig, ao afirmar que "as lésbicas não são mulheres", se por um lado leva ao questionamento das construções sociais da feminilidade e da masculinidade e ao reconhecimento da pluralidade das lésbicas; por outro lado, a declaração traz impasses e complexidades que merecem atenção, como por exemplo a falta de consideração das dimensões interseccionais. A afirmação tende a simplificar as experiências das mulheres lésbicas, ignorando questões relacionadas à raça, classe, entre outras, assim, acarretando na invisibilidade de lésbicas que enfrentam múltiplas formas de opressão. Além disso, afirmar que as lésbicas não são mulheres levanta questões sobre como definir e

categorizar identidades de gênero e sexualidade. Wittig sugere uma visão binária estrita, deixando pouco espaço para a complexidade e fluidez que caracterizam as experiências humanas. Desse modo, é crucial resgatar a perspectiva de Butler sobre a performatividade de gênero, reiterando a identidade não como algo fixo, mas uma construção contínua que pode ser desafiada e reconstruída. Aliando-se a Preciado e a sua ideia de contrassexualidade, torna-se possível pensar em uma alternativa para a desconstrução das categorias tradicionais de gênero e sexo, destacando a importância da linguagem e da performatividade na constituição das subjetividades. Em suma, as subjetividades lésbicas em dissidência representam uma força vital na desconstrução do regime político da heterossexualidade e na redefinição das possibilidades de identificação e resistência. É crucial que a Psicologia direcione o seu olhar para além das fronteiras das categorias de gênero e sexualidade, reconhecendo a multiplicidade de experiências e a capacidade de transformação contínua das subjetividades. Ao avançar nesse campo de estudo, é fundamental continuar a mapear e valorizar as vozes e experiências das subjetividades sapatões, contribuindo assim para um entendimento mais amplo e inclusivo das dinâmicas de poder que moldam as vidas. Remontar a estas tem a sua potencialidade, como, ademais, pode ajudar o ativismo – feminista, lésbico e queer – a não se paralisar.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista**. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: crocodilo/Ubu Editora, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

PRECIADO, Paul. Multidões Queer: notas para uma política dos anormais. Em: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp.421-431.

PRECIADO, Paul. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. Em: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp.83-94.

WITTIG, Monique. **O pensamento hetero e outros ensaios**. Trad. Maria Mendes Galvão. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.